

Lembranças das primeiras leituras

Esta pesquisa faz parte do Programa Institucional de Iniciação Científica para o Ensino Médio (PIBIC-EM), através do desenvolvimento de práticas propostas ao incentivo à mediação da leitura literária. Para efetivar este trabalho, partimos de algumas vertentes teóricas voltadas para a análise literária e suas respectivas mediações, tais como Candido (2006 e 2011), Cosson (2021), Petit (2013 e 2019), Bajour (2012), entre outros. Este projeto teve por objetivo, a princípio, refletir sobre a importância da mediação da leitura literária a partir da obra *Infância* (1945) de Graciliano Ramos, perpassando pelas narrativas autobiográficas e autoavaliativas (escritas) de estudantes do Ensino Integrado de Informática do IFBA, *campus* Barreiras, culminando nos círculos literários desenvolvidos em sala de aula a fim de promover o gosto dos estudantes pela leitura literária.

A partir da obra autobiográfica *Infância*, de Graciliano Ramos, é possível identificar a importância da mediação no processo de iniciação ao livro. O autor em sua obra revive fatos em que deixa explícita a dificuldade que teve em aproximar-se da leitura, mas coloca em destaque pessoas que foram imprescindíveis no seu desenvolvimento como leitor. Da mesma forma, nas autobiografias solicitadas nas aulas de Língua Portuguesa para os estudantes do ensino integrado de Informática do IFBA, *campus* Barreiras, é possível identificar a presença de incentivadores na construção de cada indivíduo como um ser leitor, bem como o efeito da ausência desses incentivadores.

Tanto em Ramos quanto nas produções analisadas, há um “relato de si” que pode configurar um caráter incerto quanto à realidade, o que poderia comprometer os dados para a pesquisa. Questiona-se nesse contexto o limite entre realidade e ficção que permeiam a autobiografia. Assim, no ensaio “O pacto autobiográfico” (2008), Philippe Lejeune define a autobiografia como uma “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, e particular: a história de sua personalidade.” (LEJEUNE, 2008, p. 14). E é estabelecido o que Lejeune (2008) chama de “pacto autobiográfico”, assegurando ao leitor a verossimilhança entre a realidade e o que está sendo narrado.

Na obra de Graciliano, o autor estabelece esse pacto através da escrita em primeira pessoa, e relata a partir de então os seus primeiros passos para o mundo literário. A esse

¹ Doutora e Mestra em Literatura pela UnB. Professora EBTT de Língua Portuguesa no IFBA, *campus* Barreiras. E-mail: solange.zorzo@gmail.com. <http://lattes.cnpq.br/4412089744433946>.

respeito, Antonio Candido (2011) destaca que as primeiras experiências com a leitura literária assinalam um meio privilegiado de conhecimento e sua condição de sujeito no mundo.

Acrescido a isso, Candido (2004), define a literatura como toda criação de toque poético, ficcional ou dramático, em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, defendendo a ideia de que a mesma é imprescindível para o equilíbrio social, já que se constitui como o sonho acordado das civilizações. Destarte, o crítico literário estabelece a literatura como sendo um direito de todo ser humano.

Nesse sentido, segundo Freire (2003, p.28) “a leitura é importante no sentido de oferecer ao homem compreensão do mundo e através dessa relação é possível a descoberta da realidade sobre a vida”. Fundamentado na necessidade do indivíduo em relação a leitura literária, Michelê Petit destaca que “o iniciador ao livro desempenha um papel-chave: quando um jovem vem de um meio em que predomina o medo do livro, um mediador pode autorizar, legitimar um desejo inseguro de ler.” (PETIT, p.148); é justamente esse papel que os familiares e professores desenvolveram na construção do jovem leitor Graciliano, e de modo similar os estudantes podem ser estimulados.

O núcleo familiar se mostrou extremamente importante para o incentivo de Graciliano Ramos. Outrossim, os discentes do IFBA, em seus relatos, destacam a participação dos familiares. Contudo esse incentivo não se restringe ao ambiente familiar, ele ultrapassa os limites parentais e pode estar presente nas relações escolares, em que o docente, por vezes, desenvolve o processo de iniciador e/ou incentivador. Posto isso, foram encontrados relatos em que tanto as mães quanto os educadores foram os mediadores: “A leitura literária foi de grande importância, pois desde pequeno minha mãe sempre me incentivou ler livros. Em 2022 tive a oportunidade de ler o livro Tristão e Isolda, passado pela professora de Português.” (AUTOAVALIAÇÃO, 2023. T1, E14)².

Respaldado na importância da leitura, bem como de um mediador, os docentes possuem grande participação nesse aspecto da vida dos jovens leitores. Todavia, esse é um processo desafiador, levando em consideração que a sobrecarga ao entrar no ensino técnico integrado, acaba afastando os discentes do anseio pela leitura literária – fato amplamente abordado nas autoavaliações. Além disso, muitos estudantes destacam que veem a leitura apenas como uma obrigação, e não como uma necessidade, muito menos uma atividade que pode ser prazerosa. Sendo assim, este é um questionamento que permeou em nosso estudo:

² “T” é uma forma abreviada para “turma” e 1, para distinguir. Turma 1 e Turma 2. “E” remete a Estudante.

como a mediação deve ser feita de forma que não se torne maçante e um objeto afastador dos livros?

O pai de Graciliano tentou de várias formas, inclusive agressivas, inseri-lo no mundo da leitura e da escrita. Porém, como o próprio autor salienta, o pai não tinha vocação para o ensino (RAMOS, 2012, p. 111). Para aquele menino, era uma tortura ter que aprender a ler e a escrever. Porém, esse mesmo pai marcou sua vida quando alertou o filho para a arma terrível de quem detinha a familiaridade com a leitura. Apesar de seu modo severo, essa memória tornou-se forte em sua formação. Além do pai, faz-se necessário analisarmos a mediação da prima Emília para a criança Graciliano:

Era necessário que a priminha lesse comigo o romance e me auxiliasse na decifração dele. Emília respondeu com uma pergunta que me espantou. Por que não me arriscaria a tentar a leitura sozinho? Longamente lhe expus a minha fraqueza mental, a impossibilidade de compreender as palavras difíceis, sobretudo na ordem terrível em que se juntavam [...] Emília combateu a minha convicção, falou-me dos astrônomos, indivíduos que liam no céu, percebiam tudo quanto há no céu [...] E tomei coragem, fui esconder-me no quintal, com os lobos, o homem, a mulher, os pequenos, a tempestade na floresta, a cabana do lenhador. Reli as folhas já percorridas. E as partes se esclareciam derramavam escassa luz sobre os pontos obscuros. (RAMOS, 2012, p.209-210)

Nesse trecho, percebe-se a passagem do menino que necessitava da mediação de outras pessoas para aquele que conseguia ler e fazer suas próprias interpretações. À prima Emília coube decifrar as palavras dispostas no romance e foi além disso ao incentivar o menino a empreender aquela viagem sozinho. Esse fator foi imprescindível para a obtenção do gosto pela leitura. Percebemos a partir desse excerto, o poder catártico da leitura literária para Ramos. Nesse ponto, salientamos que apesar de Graciliano ter tido contato com uma diversidade de textos, quando lemos o excerto acima, temos consciência de que ele está falando da leitura literária e é nessa leitura – a leitura de clássicos, não no sentido canônico, mas naquelas leituras inesquecíveis para o leitor que nos pautamos, afinal,

Quando se aborda essa questão da diversidade dos textos, também é preciso lembrar que as coisas não são equivalentes, que ler literatura – quer se trate de ficção, de poesia ou de ensaios com estilo elaborado – não pertence à mesma ordem que ler uma revista de motocicletas ou um manual de informática, ainda que, com certeza, seja preciso apropriar-se da maior variedade possível de suportes de leitura. E que ler Kafka ou García Lorca não é a mesma experiência que ler romances de espionagem de baixa qualidade. (PETIT, 2013, p. 178)

Nas autobiografias efetivadas pelos alunos, são várias as percepções da importância da leitura na vida dos e das estudantes e suas mediações. A partir de um esquema, os alunos foram provocados por questionamentos a respeito da importância e do papel da leitura na infância e na vida atual de cada um, em seguida foi solicitado que falassem das mediações que

houve na leitura literária e como o estudante se julgava como leitor. Nessas memórias, há que se destacar a mediação afetiva, o incentivo e o financiamento familiar como actantes principais na descoberta pela leitura:

A leitura literária na minha vida foi uma parte fundamental da minha infância, eu sempre fui uma criança apaixonada por livros, lembro que eu passava horas e horas lendo, isso acabou desenvolvendo em mim um amor por livros e uma criatividade muito grande. Isso tudo começou por causa de uma pessoa que sempre me incentivava a ler desde cedo, essa pessoa foi a minha mãe, sempre comprando livros para mim e falando que o hábito da leitura era muito bom, principalmente para fala e escrita. Como leitor eu gosto de explorar vários gêneros, porém sou apaixonado por ficção histórica e gibis. Adoro viajar nessas histórias que os livros trazem. Ano passado eu li cerca de cinco livros, sendo eles, Rabisco no teatro, A Arvore que dava dinheiro, O Pequeno Príncipe, Buchido, o Código do Samurai e o Pesadelo. (AUTOAVALIAÇÃO, 2023. T2, E12)³

Descrever a leitura como prática necessária para o desenvolvimento da criatividade foi algo constante nas produções dos/as estudantes. Como Graciliano Ramos, as personagens e as aventuras dispostos nas páginas dos livros ganham vida e povoam suas mentes, há uma identificação da vida real com a vida ficcional, além da atribuição de tal hábito ao amor pela criação literária, afinal, foi a mãe que incentivou a leitura. Há, portanto, um aprendizado afetivo e significativo da leitura literária. Tal afetividade no gosto pela leitura literária não deve ficar estancada na infância. A escola pode ensinar a leitura através de ações afetivas e efetivas. Afinal, a ação interna da leitura de um clássico – que deve ser trabalhado na escola – é destacada por Petit (2019, p. 149) ao destacar que no domínio da cultura escrita, o jovem e a jovem não recebem passivamente um texto, mas o modificam, integram-no a suas pequenas encenações, seu teatro pessoal, seu mundo interior e se tornam sujeitos vivos dessa cultura.

Os resultados que as teorias iluminaram

Apesar da constatação da literatura como sendo algo essencial, na leitura de Infância, é de fácil percepção a dificuldade do menino Graciliano em relação à leitura, o medo e a resistência aos livros o permeavam e para ultrapassar tais barreiras foi necessária a introdução literária realizada por seu pai, a persistência e disciplina provocadas pela professora D. Maria, e a prima Emília o impulsionando a interpretação e a leitura individual. Entende-se então, que houve uma mediação da família e da escola no desenvolvimento do menino nordestino como leitor. Da mesma maneira que Graciliano necessitou de um iniciador ao livro, os estudantes do IFBA em suas autobiografias e autoavaliações destacaram indivíduos que foram importantes para que houvesse a proximidade com a literatura literária.

³ “T” é uma forma abreviada para “turma” e 2, para distinguir. Turma 1 e Turma 2. “e” remete a Estudante.

Dessa forma, compreendendo-se a importância de um mediador literário, iniciamos na turma de primeiro ano de Informática, o círculo de leitura literária. São apenas 8 (oito estudantes). Primeiramente, foi feito um levantamento na Biblioteca do *campus* sobre a disponibilidade de exemplares de clássicos da Literatura Brasileira. Esse levantamento foi apresentado à turma que, após votação, escolheu uma obra para ser lida no círculo. A primeira obra foi “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos. A segunda obra foi “Dom Casmurro” de Machado de Assis. A teoria base para a criação do círculo de leitura literária foi “Como criar círculos de leitura na sala de aula” (2021), de Rildo Cosson.

A cada semana, a partir de um acordo, fizemos a leitura de vinte ou trinta páginas da obra específica. Naquela semana, cada estudante ficaria com uma tarefa previamente determinada que ajudaria a explorar o texto. São essas as funções: 1) Questionador: aquele que prepara perguntas para os colegas e assim faz a discussão andar. Precisam ser perguntas bem elaboradas, para que os colegas pensem para responder; 2) Iluminador de passagem: é aquele que seleciona uma passagem do texto para ser lida com mais atenção pelo grupo; 3) Conector: é o responsável por estabelecer conexões entre o texto e outros textos (intertexto) e entre o texto e o mundo (contexto); 4) Dicionarista: deve encontrar palavras ou frases que sejam desconhecidas, pouco usadas ou receberam um sentido especial no texto; 5) Sintetizador: deve fazer uma sinopse, um resumo do texto, destacando os principais núcleos temáticos; 6) Pesquisador: tem por função localizar as informações que são importantes para melhor compreender o texto; 7) Analista de personagem: destacar as várias ações de uma personagem do texto elencadas pelo autor; 8) Registrador: registrar o que foi discutido no grupo (nesta função, os estudantes gravam com o celular e depois passam para o papel). Toda a semana, essas funções são alteradas de estudante. Há, portanto, um rodízio semanal das funções.

Em todos os círculos, houve um intenso envolvimento dos estudantes. Houve até observações de outros professores ao fato de que os estudantes estão sempre lendo as obras na escola. Os resultados que se tem obtido são muito positivos e acordantes com as pesquisas realizadas, pois os alunos tem desenvolvido sua oralidade, interpretação e escrita, além de demonstrarem interesse em mais obras para lerem e analisarem no projeto.

Salientamos que nesta turma há um estudante com deficiência intelectual (d.i.). O nível de conhecimento e aprendizagem dele é de uma criança de oito anos. Diante disso, havia necessidade de adaptarmos as obras literárias. A todo encontro, colocamos em slides, histórias em quadrinhos adaptadas dos clássicos trabalhados. Foi a forma encontrada de tornar a obra acessível ao conhecimento do aluno. Antes do círculo literário, a professora da turma faz a

leitura da história em quadrinhos com o estudante com d.i. e ele consegue interagir com a turma, fato esse que proporciona a inclusão do mesmo no contexto da sala. Ao final, todos assumem um papel de fala de personagem e fazemos coletivamente, a leitura da história em quadrinhos que é projetada para a turma.

Dessa forma, percebeu-se que a pesquisa e a implementação do círculo de leitura literária incentivam a escola como um todo a tornar-se incentivadores e amantes da leitura. Sobretudo, a contribuir de forma significativa para o desenvolvimento de mediadores no campo educacional, mais especificamente no IFBA, *campus* Barreiras, explicitando a importância do papel docente para que o jovem identifique a leitura literária como indispensável para o seu desenvolvimento educacional e pessoal.

Da leitura ao transbordamento

Foi possível por meio da pesquisa, identificar a importância da literatura em ambos objetos de estudo: na leitura de *Infância* (1945), e nos textos autobiográficos e autoavaliativos dos estudantes do IFBA. Foi compreendido também, impasses como o medo do livro que permeiam a vida dos jovens. E, principalmente, como projetos como os círculos de leitura literária podem fazer a diferença na vida dos jovens.

Baseado nesse aspecto, foi interpretado que assim como em várias áreas da vida, a mediação encontra-se presente de forma imprescindível na formação leitora, e que a falta desse sistema de apoio pode ocasionar o afastamento e aumentar a resistência do indivíduo com os livros.

Essa pesquisa e a implementação de círculos literários buscaram formas efetivas de reduzir as barreiras e levar a leitura literária de maneira acolhedora para a sala de aula. Outrossim, há muito ainda que ser feito. Há necessidade de ações, a partir de políticas públicas e projetos escolares como nossos círculos literários voltados para a formação de leitores. A divulgação desses projetos é essencial para que cada vez mais a implantação de outras ações voltadas para a mediação da leitura literária avance e amplie o gosto e as transformações que essas imersões proporcionam.

Assim, a obra literária extrapola sua função de satisfação da necessidade de fantasia, contribuindo também para a formação da personalidade do indivíduo e do seu conhecimento do mundo. Quer percebamos claramente ou não, o caráter de coisa organizada da obra literária torna-se um fator que nos deixa mais capazes de ordenar a nossa própria mente e sentimentos e, em consequência, sermos mais capazes de organizar a visão que temos do mundo (CANDIDO, 2011, p. 177). Esse conhecimento por vezes pode ser objetivado em um

novo transbordamento, conforme podemos observar no relato abaixo:

Eu sempre fui meio isolada na escola, principalmente nos primeiros anos, me sentia deslocada e perdida, sempre ficava no que se chama de cantinho da leitura, e foi lá, dentro de livros de literatura infantil que eu me achei, encolhidinha atrás de uma árvore do sítio do pica pau amarelo, fascinada pelas histórias que contava Clarice Lispector, encantada pelos bosques mágicos de Ruth Rocha, depois que conheci todo esse mundo mágico que existe dentro dos livros nunca mais quis sair e com o passar dos anos a leitura começou a ficar insuficiente, eu precisava de algo a mais, foi aí que comecei a escrever, escrevia crônicas de bicho que virava gente de gente que virava bicho, escrevia poema que virava ema e sobre castelo feito de alfazema, tinha todo um esquema. Quando eu não tô lendo, eu tô escrevendo, e quando não tô fazendo nenhum dos dois tô pensando em fazer. Eu não sou muito boa em demonstrar o que sinto então a escrita é a minha fiel escudeira, se estou triste, chateada, ou sofrendo, imito poetas, se estou apaixonada e feliz, crio peças, convido todos os meus anjos e demônios para uma dança enérgica e é dessa forma que faço a festa. Tenho muito a agradecer a minha professora do ensino fundamental dois, a quem carinhosamente dei o apelido de Lady, foi ela quem me aperfeiçoou na escrita [...] Ela é incrível e sempre confiou em mim e foi, e ainda é uma grande amiga, ela dizia que eu era como a Elizabeth de Orgulho e Preconceito, ela quem me emprestou esse livro aliás. Tive muitas professoras mas nenhuma me marcou tanto quanto ela. (AUTOBIOGRAFIA, 2021. T1, A15)

A priori percebe-se um transbordamento de personalidade e identificação com a ficção literária quando a estudante se define perdida e isolada socialmente. Na sequência da narrativa, há um transbordamento das subjetividades e a linguagem perpassa os caminhos trilhados pela literatura. A culminância dos transbordamentos se dá quando ela confessa que a leitura começou a ficar insuficiente e parte de forma criativa para a escrita. E, aqui se tem a principal motivadora de todo esse processo: a professora como mediadora, a escolarização da literatura. Nessa citação e em outras narrativas, percebe-se que a afetividade é primordial para o gosto primevo da leitura literária, mas ela se torna concreta, abrangente e transformadora a partir do momento que a escola assume seu papel mediador.

O processo educativo, sobre o qual refletimos neste trabalho, só faz sentido se cremos que o homem é um constante vir-a-ser. “O caráter inacabado dos homens e o caráter evolutivo da realidade exigem que a educação seja uma atividade contínua” (FREIRE, 1987, p. 81). Porém, como observa muito bem Dalvi (2021), uma educação literária efetiva que não mutile nem a literatura e nem o ser humano, precisa levar em conta a complexidade interfuncional desse ser. Não se pode trabalhar com polarizações, com apenas uma parte do todo. Aliado à isso, sabemos que não é o acesso a uma imensidão de livros que irá garantir o sucesso do leitor com a leitura literária. Há a necessidade de que tenham sido transmitidos os conhecimentos adquiridos no decorrer da história humana de maneira sistemática, organizada e intencional. Além disso, de forma dialética, o destinatário precisa ter se apropriado e objetivado esse conhecimento. É pela educação que essas transmissões ocorrem. A educação

escolar é que conseguiu dar conta da transmissão desse conhecimento acumulado e constituído historicamente.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira; SOARES, Júlio Ribeiro; MACHADO, Virgínia Campos. *Núcleos de significação: uma proposta histórico dialética de apreensão das significações*. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, v. 45, n. 155, p. 56-75, mar. 2015.

ALBUQUERQUE, Eliana B. C. de. *Mudanças didáticas e pedagógicas no ensino da Língua Portuguesa: apropriações de professores*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

ASSIS, Machado. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

BAJOUR, Cecília. *Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura*. Trad. Alexandre Morales. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera T. de. *Literatura a formação do leitor: alternativas metodológicas*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

BUSQUETS, Maria D. *et al. Temas transversais em educação*. São Paulo: Ática, 1998.

CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

_____. *O direito à Literatura*. In: **Vários escritos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

COLOMER, Teresa. *A Formação do Leitor Literário*. 1. ed. São Paulo: Global, 2003. p. 13-453.

COSSON, Rildo. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. *Como criar círculos de leitura na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2021.

DALVI, Maria Amélia. *Questões didáticas da literatura na BNCC*. III Semana de Letras Seridó. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=YxsQt5LEybY&ab_channel=SemanadeLetrasSerid%C3%B3. Acesso em: 07 de nov. de 2021.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____. *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. 3 ed. São Paulo: Moraes, 1980.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico* - de Rousseau à internet. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LOURENÇO, Suéllen Pereira Miotto. DALVI, Maria Amélia. *A mediação da leitura literária*: uma proposta de metodologia temática. Revista Graphos, vol. 21, nº 1, 2019 | UFPB/PPGL | ISSN 1516-1536. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/view/46526/22822>. Acesso em: 12 mai. 2021.

LÜCK, Heloísa. *Pedagogia interdisciplinar*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

MARTINS, Ivanda. *A literatura no ensino médio*: quais os desafios do professor? In: BUNZEN, C. MENDONÇA, M. (org.). *Português no ensino médio e formação do professor*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 83-102.

PETIT, Michèle. *A arte de ler*: ou como resistir à adversidade. 2. ed. São Paulo: editora 34, 2010.

_____. *Ler o mundo*: Experiências de transmissão cultural nos dias de hoje. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2019.

_____. *Os jovens e a leitura*: Uma nova perspectiva. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

RAMOS, Graciliano. *Infância*. 28. ed. Rio de Janeiro: Record, 1993.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. *Psicologia pedagógica*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Conferências sobre leitura*: trilogia pedagógica. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

SOARES, Magda. *Letramento*: um tema em três gêneros. 2.ed. 8. reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SOUZA, Malu Zoega de. *Literatura juvenil em questão*: aventura e desventura de heróis menores. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2003.